



Labrys
estudos feministas
número 4
agosto / dezembro 2003

O Futuro da Sexualidade Feminina:

O Acontecimento da Diferença Sexual

Elizabeth Grosz

tradução: Maria Elisabeth Carneiro

revisão: Marie-France Dépêche

Resumo

Alfred Kinsey publicou seu estudo referencial sobre a sexualidade feminina há 50 anos atrás. Um estudo que permanece sem paralelo no seu esforço de construir uma compreensão da sexualidade feminina e do prazer sexual. Nele, ele busca aplicar técnicas da ciência natural a um objeto de estudo que se esquia e é difícil de ser mensurado. Este artigo explora os limites do projeto que mira o conhecimento da sexualidade feminina e propõe alguns caminhos pelos quais ela pode ser compreendida no futuro, para além das limitações correntemente colocadas pelas ciências naturais.

Palavras-chave: sexualidade feminina, futuro, prazer, ciências

O que permanece fascinante na pesquisa de Kinsey, 50 anos após sua publicação, é sua crença inabalável de que a sexualidade - especialmente a sexualidade feminina -, realmente, pode ser conhecida. A

sexualidade tornou-se um fenômeno altamente complexo, mas finalmente cognoscível, nada diferente em complexidade do que o próprio universo material. O projeto de Kinsey (ao lado de seu contemporâneo na ciência natural, o programa espacial) capturou um momento de maior expectativa acerca do que uma ciência natural ou social pode apreender ou o auge de uma racionalidade forjada pelo/no liberalismo, onde, se pudessem ser superados os véus do preconceito e da superstição e as restrições legais, morais, políticas e religiosas à liberdade de expressão, acreditava-se que uma liberdade genuína poderia ser atingida. Nunca mais, depois dos anos 50 do século XX, nossa crença nos efeitos sociais das ciências seriam tão otimistas. Nunca mais seria possível ter uma crença que não fosse irônica sobre a generosidade dos benefícios da ciência.

1. Quatro aspectos relevantes sobre Kinsey

Há no mínimo quatro conceitos que Kinsey desenvolveu. Vou abordá-los resumidamente a fim de reconhecer alguns de seus limites.

1. Kinsey entendeu que uma pesquisa sobre a sexualidade de grande populações não poderia ser adequadamente apreendida, sem relatórios na primeira pessoa, que envolvessem tanto introspecção, recordação quanto a avaliação qualitativa das experiências. Com toda a sua preocupação em produzir técnicas científicas rigorosas para seu questionário, em transcrever as respostas em linguagem cifrada e esmiuçar as

estatísticas, através de programas específicos construídos em computação, seu projeto é irredutivelmente vinculado ao subjetivo, ao experiencial, ao fenomenológico. Isso complica seu trabalho de pesquisa, criando tensões, produtivas, em sua aspiração de construir um conhecimento com base quantitativa a respeito do sexo.

2. Kinsey procurou grupos altamente específicos a fim de compreender a singularidade da resposta sexual. O que é verdade para os homens brancos não o é necessariamente para os homens negros; aquilo que é verdade para cristãos não o é necessariamente para judeus; o que caracteriza as populações rurais pode não caracterizar as populações urbanas; o que pode ser válido para os homens pode não o ser para as mulheres; o que ocorre às populações das prisões pode não ser o mesmo que acontece com as populações fora das prisões. Kinsey parecia previamente consciente em relação às reivindicações correspondentes às diferenças de classe, raça e gênero, presentes na maior parte das políticas contemporâneas.

3. Kinsey recusou-se a excluir da análise qualquer grupo ou indivíduo e procurou contemplar grupos alternativos, subgrupos sociais e culturais, conjuntos populacionais marginais, prisioneiros, preocupando-se, prioritariamente, com as alianças formais, informais e as redes de relacionamento, mais do que com as populações oficialmente consideradas representativas ou respeitáveis. Ao mapear o

comportamento sexual, ele pretendeu ter acesso a um amplo espectro de atividades sexuais: não somente é a diferença um aspecto central em sua análise, mas todo seu trabalho é comprometido com essa larga gama de diferenças e, também, ao conjunto de uma totalidade de diferenças, sem privilegiar ou fazer de uma delas um foco central.

4. Kinsey observou que há uma disparidade – ou melhor, uma desigualdade – entre as operações do comportamento sexual masculino e o feminino: ele reconheceu que no período em que a resposta sexual masculina está no seu auge, nos anos *teen* (entre os 13 e os 19 anos), muitas ou a maioria das mulheres estão em período de menor resposta sexual; que quando as mulheres estão mais ativas, em seus 30 e 40 anos, a atividade sexual masculina declina significativamente em relação a seu ponto mais alto; que as práticas que os homens preferem para excitar-se não são necessariamente as mesmas que as mulheres; que as taxas de promiscuidade para homens e mulheres variam muito; que deve haver um enorme esforço de acomodação a que Kinsey chama de “ajuste marital”. Os dois sexos precisam ser estudados separadamente, ao invés de o serem enquanto um casal; eles têm fisiologias e psicologias separadas, têm morfologias diferentes, aspectos que precisam ser pesquisados antes que de serem entendidos na adequação de um ao outro.

2. A Ciência do Sexo

Argumenta-se que Kinsey é o último estudioso e o que mais contribuiu no esforço de construir uma *scientia sexualis*, a ciência da sexualidade que surgiu em meados do século XIX e floresceu por todo aquele século[1]. Esse esforço de calcular, dividir, analisar e estabelecer categorias, sob técnicas rigorosamente científicas, revela que há alguma coisa a mais nas práticas e experiências sexuais que ele não pode capturar, ou não consegue entender - a continuidade da sexualidade com as atividades do corpo, a transformação da sexualidade nas suas formas subseqüentes em relatos e representações, sua intensidade afetiva, em suma, o conjunto de suas características qualitativas[2].

Kinsey estava deslumbrado com os números e quanto mais altos eles eram, mais próximo permitiam chegar de uma imagem detalhadamente confiável da atividade sexual. No entanto, há lugares onde a questão do imponderável ou incalculável, do não enumerável, traz problemas a seus objetivos de pesquisa, onde observa-se uma obscuridade que lhe é inerente. Torna-se cada vez menos claro o que está sendo medido e, ainda, menos nítido se a medição não é mais um efeito de análise, do que a expressão de um fenômeno. Sobre esse aspecto, vou expor alguns exemplos:

1. A ereção e a função orgástica, como um indicador objetivo de atividades sexuais dos homens: Kinsey deixa claro que o orgasmo não pode ser equiparado com a atividade sexual nas mulheres[3]. O

que, então, funciona como um signo bem definido e calculável da excitação sexual? Ele insiste em usar o orgasmo como objeto de medida em sua pesquisa sobre a sexualidade feminina, a despeito de reconhecer que isso não é suficientemente claro em relação a muitas mulheres: “o procedimento de pesquisa pode ter superestimado a importância do orgasmo, mas teria sido impossível, em uma pesquisa de larga escala, ter assegurado como precisos, registros de qualquer outro tipo ou aspectos menos claramente identificáveis do comportamento sexual.” (510)

2. Kinsey admite que há um problema em separar o psicológico e o fisiológico, a forma da função, o material do conceitual, sinalizando para o problema do dualismo. No lugar de uma divisão rígida entre a mente e o corpo, o fisiológico e o psicológico, ele propõe a noção de “qualidades coordenadas”, pela qual ele quer dizer que as dimensões do psicológico e do fisiológico são separáveis, mas devem ser coordenadas entre si por uma espécie de complementaridade. Elas podem ser estudadas separadamente (e.g. em capítulos 16, 17 e 18), tendo em vista que estão integradas uma à outra, isto é, são correlacionadas de alguma forma.

3. Kinsey reconhece que a distinção entre o sexual e o não-sexual é decididamente porosa, ou permeável, especialmente no caso da mulher. Como se distingue e costuma dizer, a afeição da sexualidade não é clara: “... é geralmente impossível garantir dados,

detalhes freqüentes da incidência de tais experiências (atividades sexuais que não conduzem ao orgasmo) em vista da dificuldade em se distinguir atividades sociais não-eróticas – um simples beijo, por exemplo – de atividades similares que realmente provocam excitação erótica (45)[4].

Não é como se Kinsey fosse inconsciente das limitações dos métodos estatísticos que utiliza: ele reconhece que há experiências e atividades que não podem ser quantificadas, ou se são quantificadas, são transformadas, em suas características qualitativas. A questão da análise numérica ou estatística é que qualquer coisa pode ser calculada, desde que se reconheça que o cálculo não é uma atividade neutra: ele transforma aquilo que é uma continuidade em unidades comparáveis, ele impõe a forma de uma unidade a um todo de particularidades, ele transforma qualidades em quantidades[5]. Não há, é claro, qualquer coisa errada em tal redução, desde que esteja claro que há um processo de neutralização daquilo que está sendo contado, no processo de tornar as particularidades enumeráveis. Para fazê-las mensuráveis, elas devem ser tornadas nominalmente idênticas, devem ter suas individualidades ou particularidades negligenciadas; elas se tornam parte de um grupo, uma categoria de semelhança.

Kinsey produziu a scientia sexualis através de uma submissão aos estudos de caso e de materiais

registrados ao processo de análise estatística. Nesse processo, perdeu o que é sexual acerca do comportamento sexual, embora ele nos tenha fornecido uma quantia relevante de informações sobre operações significativas do orgasmo, uma unidade extraída e construída a partir de alguns comportamentos sexuais, que ele utilizou como seus marcadores. Ao invés de inventar outras categorias detalhadas, entrevistando outros sujeitos e acrescentando às populações em amostragem a esperança de Kinsey para um futuro radical da sexologia, precisamos desenvolver algo parecido com o que Foucault descreve como uma ars erotica, ou seja, uma imersão qualitativa na sexualidade, se quisermos entender a sexualidade feminina de modo mais adequado.

3. O Futuro Radical da Sexualidade Feminina

O conceito de quantidade pode ser estranho à sexualidade feminina, como a maioria das mulheres o experencia. O número pode também provocar estranheza, em se tratando da sexualidade masculina, dependendo de como ele é reconfigurado. Porém, nas formas atuais que a sexualidade masculina assume, há qualquer coisa aferível em uma nítida e definida natureza da atividade e da resposta sexual masculina. Pode ser, como Luce Irigaray sugere, que a especificidade dos corpos e prazeres femininos constituam os fundamentos invisíveis e reprimidos de conhecimentos que os tornam fundamentalmente incognoscíveis de acordo com os

métodos de uma ciência “racional”[6].

Seria a sexualidade feminina mensurável? O que é que tem sido aferido nas pesquisas de Kinsey sobre o comportamento sexual? O que está deixado de lado? Irigaray argumentou que, embora a sexualidade e o prazer femininos possam ser submetidos aos imperativos das quantidades, há qualquer coisa sobre a sexualidade feminina – sua morfologia, sua anatomia, sua fenomenologia que desafia a precisão, a clareza, a forma, a identidade. Ao descrever a sexualidade feminina, ironicamente, como uma não-sexualidade – como aquele que não é “uma” ou “nenhuma” -, Irigaray defende que a sexualidade feminina tem sido compreendida nas ciências como aquela que pode ser medida, conhecida, somente mediante algum correlato fornecido ou por um objeto masculino ou por uma categoria masculinizada[7].

Se a anatomia, a fisiologia ou a psicologia da mulher ‘não é simplesmente uma’, se as mulheres resistem ao imperativo de auto-identidade que é condição para a pesquisa quantitativa, a hipótese de Irigaray de que a resistência da mulher à especulação científica – e sua posição comumente enigmática – está relacionada à noção de proximidade[8] . A distância requerida pela observação científica, a paralisação necessária, mesmo que momentaneamente, para a identificação, a capacidade de permanecer a mesma através dos tempos, ao menos nominalmente, são condições para a análise estatística, que os órgãos e prazeres femininos não

podem alcançar, exceto pela imposição de uma grade externa de categorias.

Proximidade, uma imersão profunda em suas próprias atividades, a intimidade com aquilo que está 'em' e 'como' uma mesma pessoa, a contigüidade do processo ou prazer de um com o outro, ou ainda, a impossibilidade de se distinguir entre o sexual e o não sexual, que Irigaray descreve como uma 'auto-afeição' daquilo que não tem centro (79), gera em relação à sexualidade feminina uma posição paradoxal e incognoscível dentro dos saberes. Kinsey estava consciente de que havia outras características e representações da sexualidade feminina, além daquelas calibradas e calculadas através de seus questionários. São aquelas que ele descobriu na arte, na ficção, nas cartas, nos diários e correspondências de mulheres, essas que ele reconhece como não prontamente quantificáveis. Mas o que a sexualidade feminina seria então, se ela tem uma auto-proximidade, uma contigüidade, que tornam esses fragmentos a única representação da qualidade da sexualidade feminina?

Essa questão pode ser invertida: é a sexualidade masculina, ou pelo menos sua auto-representação, a origem do próprio número? Seria o imperativo do saber pelo quantitativo, por meio da análise e da síntese, da subtração e do controle de variáveis, uma expressão da sexualidade (masculina)? Seria a própria matemática o resultado de uma certa sexualização? Se o sexo é passível de enumeração, é inversamente verdadeiro que

e enumeração é a expressão de um certo tipo de sexo? Kinsey não compreendeu que o que é mais aproximado, o que é o mais íntimo, o mais central na sexualidade que não tem centro é o que não pode ser enumerado, o que é contínuo, o que está encoberto, internamente referenciado e é explicável somente através de seus próprios termos.

Mesmo considerando que o orgasmo feminino não seja um indicador seguro da atividade sexual, Kinsey, todavia, passou a processar análises detalhadas das taxas médias de orgasmos heterossexuais, homossexuais, com penetração, masturbatórios e solitários em mulheres de idades, lugares e categorias econômicas variadas, nos mesmos termos de suas análises sobre os homens. Mesmo afirmando que as mulheres podem atingir orgasmos múltiplos por um número diferenciado de caminhos, ele não fornece qualquer princípio de identidade, que distinguiria um orgasmo de outro (quantos? É uma questão difícil de responder, não simplesmente porque quanto mais um é absorvido na atividade sexual, menos é capaz ou inclinado a enumerar, mas também é difícil falar onde o processo, a região, a posição ou sensação de um termina e a de outro começa).

Onde o orgasmo feminino é automaticamente localizado permanece um enigma até mesmo com o avanço atual das indústrias biomédicas – se é clitoria, vaginal, localizado no ponto “g”, labial – e como alguém

distingue essa continuidade biológica em suas partes separadas, permanece uma questão discutível. A aparente “linearidade direta e evolutiva” da excitação e do orgasmo masculino, sua adaptabilidade aos métodos quantitativos, em contraposição à obscuridade e à ambigüidade da excitação e do orgasmo femininos, não representa uma função da fenomenologia, da psicologia, da fisiologia complexa das mulheres, mas da masculinização dos saberes. É somente quando pensarmos a função dos saberes, mediante uma espécie de afinação de seus instrumentos a seus objetos particulares, mais do que uma forma de inteligência científica, que uma outra ciência da sexualidade feminina – e uma diferente espécie de sexualidade feminina – poderá emergir[9].

Kinsey conseguiu elaborar um quadro de eventos da sexualidade feminina no passado e no presente: todavia, não pode prever o seu futuro. A sexualidade é um sistema aberto: seu futuro não está necessariamente compreendido ou constricto em seu passado e presente. A sexualidade de uma mulher está contida no seu próximo encontro sexual, mais do que nas atividades sexuais do passado. Uma pessoa é o que fez, mas também o que pode vir a fazer. Isso é porque as políticas de identidade sexual ou de outras formas são particularmente limitadas: elas compreendem identidade como a síntese de um passado (uma pessoa é identificada com o lugar, a classe, a raça e o sexo no qual nasceu) e não como abertura para uma trajetória ou uma direção

para o futuro.

A sexualidade feminina resiste aos saberes que buscam fronteiras definitivas, aspectos definidos, órgãos e prazeres: ela resiste ao imperativo de ter que falar sua própria verdade diretamente. Ela também resiste ao impulso científico para fazê-lo predizível, capaz de ser conhecida, em sua amplitude e profundidade. Essa é sua qualidade radical: não que ela seja incognoscível, mas ela é irreconhecível através de qualquer discurso ou método particular que, no máximo, derrama algumas luzes em alguns de seus elementos, mas deixa a continuidade do restante desconhecido.

Nenhuma forma de conhecimento é capaz de conhecer seus objetos tanto em uma perspectiva suficientemente próxima para entender sua continuidade em detalhes, quanto de uma distância suficiente para entender sua integração como um todo. O que podemos dizer sobre a sexualidade feminina – sua fluidez, sua contigüidade com o não-sexual, sua indeterminação de órgãos e sensações, suas características - tactibilidade, sem forma definida, e aberta ou projetada para o futuro – significam que qualquer tentativa de se conhecer a sexualidade de todas as mulheres perderá a especificidade de cada mulher em particular, ao invés de indicar em termos probabilísticos suas características gerais.

Incessantemente, processos análogos são

receptivos a tipos infinitos passíveis de análise e divisão; eles se prestam às imposições de categorias reservadas e possibilitam uma infinidade de ordenamentos numéricos, mas o que parece estar perdida é a sua coesão e unidade, sua realidade enquanto um fenômeno mutante, cambiante, diverso, em constante movimento. Eles são tomados fragmentariamente em seus conjuntos complexos, estão reduzidos a partes componentes que precisam ser, então, ressintetizadas. A sexualidade feminina aguarda conhecimentos futuros, que estejam sintonizados com a singularidade de seus objetos, com aquilo que é deixado para trás, quando os objetos são reduzidos para generalização. Ela espera esforços de uma intuição adequada, que pode não ser capaz de formalizar e simbolizar seu objeto de maneira neutra, mas que permanece em contato com ele, operando em seu domínio, em seus próprios termos.

Nós não esperamos construir uma ciência da sexualidade, ou sua formalização e abstração, mas uma arte da sexualidade. Não uma análise, mas uma celebração da sexualidade feminina como acontecimento diverso, não conhecido, que se desenha e contém, ao mesmo tempo em que se elabora e amplia suas condições de possibilidade.

Referências:

Adamson, Gregory Dale (2002) *Philosophy in the Age of Science and Capitalism*, Continuum Books: London and

New York.

Bergson, Henri (1960) *Time and Free Will* trans F.L. Pogson, Harper and Row: New York.

Bergson, Henri (1991) *Matter and Memory*, trans NM Paul and WS Palmer, Zone Books: New York.

Bergson, Henri (1992) *The Creative Mind. An Introduction to Metaphysics*, trans Mabelle L Andison, Citadel Press: New York.

Darwin, Charles (1996). *The Origin of Species*. Oxford, Oxford University Press

Ellis, Havelock (1936) *Studies in the Psychology of Sex*. Random House: NY.

Foucault, Michel, (1978) *The History of Sexuality*. Vol. 1 *An Introduction*. (Allen Lane: London,

Freud, Sigmund (1905) "The Three Essays on the Theory of Sexuality" SE Vol 7;

Freud, Sigmund (1940) "An Outline of Psychoanalysis" SE Vol 23

Gordon, Deborah, (1999) *Ants at Work. How an Insect Society is Organized*. New York, Free Press

Hirschfeld, Magnus (1935) *Sex in Human Relationships*, John Lane: London;

Hirschfeld, Magnus (1948) *Sexual Anomalies. The Origins, Nature and Treatment of Sexual Disorders*, Emerson Books: NY

Hite Shere (2003) *The Hite Report on Male Sexuality*, Seven Stories Press; 2nd edition

Hite, Shere (1976) *The Hite Report. A National Study of Female Sexuality*, Seven Stories Press

Irigaray, Luce (1985) "Is the Subject of Science Sexed?"

Cultural Critique. Vol. 1, No. 1, 73-88

Irigaray, Luce (1985) *This Sex Which is Not One*, Transl Catherine Porter with Carolyn Burke, Ithaca, Cornell University Press

Kinsey, Alfred C, Wardell B Pomeroy, Clyde E Martin and Paul H Gebhard, (1953) *Sexual Behavior in the Human Female*, W.B. Saunders Co.: Philadelphia and London,

Kinsey, Alfred C, Wardell B Pomeroy and Clyde E Martin,(1948) *Sexual Behavior in the Human Male*. W.B. Saunders Co.: Philadelphia and London.

Krafft-Ebing, Richard von (1922) *Psychopathia Sexualis*, Physicians and Surgeons Book Co: Brooklyn

Masters, William H and Virginia E Johnson (1966) *Human Sexual Response*

Pearson, Keith Ansell, (2002) *Philosophy and the Adventure of the Virtual*. Bergson and the Time of Life, Routledge: London and New York.

Prigogine, Ilya, and Isabelle Stengers (1984) *Order Out of Chaos. Man's New Dialogue with Nature*, London: HarperCollins

Reisman, Judith (1998), *Kinsey, Crimes & Consequences*, The Institute for Media Education, Crestwood, KY.,1998

Reisman, Judith et al (1990) *Kinsey, Sex and Fraud*, Lafayette LA: Huntington House

Elizabeth Grosz é professora do Departamento de Estudos de Gênero e das Mulheres, na Universidade de Rutgers. Ela é a autora de *Architecture from the Outside. Essays on Virtual and Real Space* (MIT, 2001) e editora de *'Becomings. Explorations in Time, Memory and Futures'* (Cornell, 1999). *Sexual Difference*, trans. Carolyn Burke e Gillian C. Gill, Ithaca: Cornell University Press.

[1] Ver Michel Foucault (1978) *A História da Sexualidade. vol 1. Introdução*. (Allen Lane: London, Part III, "Scientia Sexualis"). O desejo pela verdade do sexo, ao qual Foucault atribuiu uma longa história, emerge como força científica na metade do século XIX, em dois sentidos, ou dois processos em mútua referência: "nós pedimos que o sexo fale a verdade (mas, já que ele é o segredo que escapa a si próprio, reservamo-nos dizer a verdade – finalmente esclarecida, decifrada – sobre a sua verdade); e lhe pedimos para nos dizer nossa verdade, ou melhor, para dizer a verdade, profundamente oculta, desta verdade que nós mesmos que acreditamos, possua em imediata consciência. Nós dizemos a sua verdade, decifrando o que dela ele nos diz; e ele nos diz a nossa, liberando o que estava oculto." (Foucault,1999:68/13^a edição:Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque)

[2] "Pelo menos, inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, de exibi-la, descobri-la, de cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, de desalojá-la por meio da astúcia; prazer específico do discurso sobre o prazer." (Foucault,1999:69)

[3] Embora o homem freqüentemente tenha erações sem completar sua resposta, ele raramente inicia as atividades como masturbação ou coito sem atingir o ponto do orgasmo. Por outro lado, uma porção considerável de atividades das mulheres não resultam em orgasmo." (SBHF:45)

[4] Ver também uma reinvidicação comparável: "Tem sido difícil, por exemplo, assegurar informação precisa sobre a incidência e a freqüência da auto-estimulação que era não-genital, sobre a freqüência de sonhos eróticos que nãoconduzem ao orgasmo e sobre incidência e

freqüência de contatos sócio-sexuais não-genitais...(510)”

[5] Quando dizemos “seis ovelhas” ou “seis mil mulheres”, estamos articulando uma comunidade, real ou imposta, entre “ovelhas”, como uma categoria, ou “mulheres”, como uma categoria. Assim, estamos reduzindo o que é particular acerca das ovelhas ou das mulheres a fim de enumerá-las em “seis” ou “seis mil”, para referir igualmente a todas elas. Isso é também verdade quando essas “seis mil mulheres” são divididas adiante naquilo que Kinsey considera as sub-categorias relevantes (mulheres são divididas em termos de idade, local, educação, ocupação, ocupação dos pais, religião, *status* marital: a categoria “mulher jovem trabalhadora rural secundarista”, por exemplo, é ainda uma generalização, ainda o amálgama de um número no interior de uma singularidade.

[6] Luce Irigaray (1985) “Is the Subject of Science Sexed?” Cultural Critique. Vol.1, No.1, 73-88

[7] Como Irigaray coloca em uma passagem muito citada: “ Daí o mistério que a mulher representa em uma cultura que exige contar tudo, numerar tudo em unidades, reclama inventariar tudo como individualidades. Ela não é uma ou duas. Rigorosamente falando, ela não pode se identificada nem como uma pessoa, ou como duas. E seu órgão sexual, que não é um órgão, é contabilizado como nenhum. (This Sex Which is Not One, Trans. Catherine Porter with Carolyne Burke, Ithaca, Cornell University Press, 1985:26)

[8] Posse e propriedade são indubitavelmente aspectos estrangeiros ao feminino. Pelo menos sexualmente. Mas não intimidade. Assim enunciada, ela produz toda a discriminação da identidade e, desta maneira, todas as formas de propriedade impossíveis. A mulher tira prazer daquilo que é tão próximo que ela não pode ter, nem ter a si mesma... Isso coloca em questão todas as economias prodominantes: seus cálculos estão irremediavel e constantemente negociados pelo prazer da mulher, assim como aumentam indefinidamente de sua passagem na e pela relação com o outro. (This Sex 31)

[9] Irigaray sugere, como rápida provocação, que talvez, a ciência de sistema distante-do-equilíbrio, sustentada por Ilya Prigogine e outros (ver, por exemplo, Ilya Prigogine e Isabelle Stenger (1984) Order Out of Chaos. Man's New Dialogue with Nature, London: HarperCollins) pode fornecer uma metáfora científica masi apropriada para a sexualidade feminina do que a hidráulica Newtoniana ou a termodinâmica, metáforas que suportam tanto a teoria psicanalítica quanto a compreensão de Kinsey acerca do orgasmo enquanto uma marca confiável da sexualidade: " [A sexualidade feminina] é menos sujeita às alterações de tensão-liberação para a requerida conservação de energia, para a manutenção de um estado de equilíbrio, para operar em circuitos fechados e reabertos pela saturação, para a reversibilidade do tempo etc. A sexualidade feminina pode, talvez, melhor ser trazida à harmonia – se se quiser evocar um modelo científico – com aquilo que prigogine chama de estruturas "dissipativas", que operam por meio de uma troca com o mundo exterior, estruturas que funcionam através de níveis de energia. Os princípios organizacionais dessas estruturas nada têm a ver com a busca pelo equilíbrio mas com o cruzamento dos limiares. Isso corresponderia a uma superação da desordem ou entropia sem descarga." (Irigaray "Is the Subject of Science Sexed?" 81)

